

## FUTEBOL NO VIDEOTEIPE: ENTRE A APOCATÁSTASE, O TRAUMA E A TRAPAÇA EM “NO ÚLTIMO MINUTO”, DE SÉRGIO SANT’ANNA E O DRIBLE, DE SÉRGIO RODRIGUES

## SOCCER ON VIDEOTAPE: BETWEEN APOCATASTASIS, TRAUMA AND CHEATING IN “NO ÚLTIMO MINUTO” BY SÉRGIO SANT’ANNA AND THE FEINT BY SÉRGIO RODRIGUES

Ian Anderson Maximiano COSTA<sup>1</sup>

**Resumo:** Literatura e futebol parecem dois campos disjuntos ao levarmos em conta, principalmente, a ficção. De fato, existiram escritores, como Nelson Rodrigues, que se dedicaram à figuração dos gramados, mas a partir da crônica. Nessa linha, o conto “No último minuto”, de Sérgio Sant’Anna, e o romance *O drible*, de Sérgio Rodrigues, parecem jogar isolados. Por meio dessas duas notações ficcionais se visa fazer uma discussão que parte da apocatástase, o juízo do final dos tempos que irá redimir as derrotas e falhas do passado, encontra a trapaça e, por conseguinte, o trauma. Faz-se um trajeto do individual ao coletivo. No conto, temos um goleiro que assiste, depois do jogo, ao “frango” que levou na final do campeonato. No *ex post facto* dos videoteipes, ele almeja corrigir esse erro. Por sua vez, no romance a aproximação entre pai e filho, Murilo e Neto, também por meio dos teipes de futebol, parece se constituir como um “pacto honesto” de reconciliação. Entre esses tempos o profano e o sagrado evocado pelos campos. Entretanto, nos dois momentos a apocatástase não vence a dura prova da realidade e do jogo. De um lado, a trapaça da bola e, do outro, a vingança com tintas raciais que espicaça nossa suposta “democracia racial”.

**Palavras-chave:** Literatura. Futebol. Apocatástase. Trauma. Trapaça.

**Abstract:** Literature and soccer seem like two separate fields, especially when we consider fiction. In fact, there have been writers, such as Nelson Rodrigues, who have devoted themselves to depicting the soccer field, but from the perspective of chronicles. Along these lines, the short story “No último minuto” (At the Last Minute) by Sérgio Sant’Anna and the novel *O drible* (The Feint) by Sérgio Rodrigues seem to stand alone. Through these two fictional works, the aim is to initiate a discussion that starts with apocatastasis, the judgment at the end of time that will redeem the defeats and failures of the past, encounters deception, and, consequently, trauma. This is a journey from the individual to the collective. In the story, we have a goalkeeper who, after the game, watches the “chicken” he made in the championship final. In the *ex post facto* of the videotapes, he wants to correct this mistake. On the other hand, in the novel, the rapprochement between father and son, Murilo and Neto, also through soccer clips, seems to constitute an “honest pact” of reconciliation. Between these times, the profane and the sacred are evoked by the fields. However, in both moments, apocatastasis does not overcome the harsh test of reality and the game. On the one hand, the cheating of the ball and, on the other, the racially tinged revenge that pricks our supposed “racial democracy”.

**Keywords:** Literature. Soccer. Apocatastasis. Trauma. Cheating.

---

1. Doutorando e Mestre em Teoria da literatura e Literatura Comparada pelo pós-lit. da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica-Minas e em Letras pela UFMG. E-mail: iananderson14@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5592-4345>.

## Do conto ao romance: do futebol ao coletivo

Comparar um conto com um livro parece algo pouco prudente – para dizer o mínimo. São ficções de dimensões opostas, o que ainda é dizer muito pouco. Poderíamos adensar essa dessemelhança utilizando das metáforas do pugilato. É o que faz Cortázar em texto já clássico – “Algunos aspectos del cuento” (1970). Ali o autor diz que o escritor-lutador no conto ganha por locaute, acerta o cruzado direto na fuça do leitor. Já no romance, o escritor-lutador ganha por pontos, acerta o leitor com um golpe aqui, outro acolá.

Como exemplo mor desse embate temos a figura do escritor Jorge Luis Borges. O argentino está do lado do ringue dos contos. Ele possuía algumas reservas em relação ao romance. James Joyce, na sua leitura, era limítrofe ao não entendimento: “[...] recordemos la obra espléndida pero no pocas veces ilegible de un Mallarmé o de un Joyce” (Borges, 2015, p. 351). Borges exerceu uma conhecida indiferença a romancistas como Proust ou Thomas Mann. Chamado a proferir conferências sobre Dostoiévski, por exemplo, imediatamente começava a falar sobre Dante. Antes do início da palestra, na expectativa da plateia em escutar algo sobre o escritor russo, fazia um preâmbulo, dizia que esse não o agradava e começava a ler seus textos sobre *A Divina Comédia*.

Piglia (2017) aventa uma explicação para essa antinomia entre o conto e o romance no argentino. Para o crítico, Borges ainda enxerga no conto alguns resquícios da oralidade, algo que se perdeu quase por completo no outro gênero: “Borges considera que la novela no es narrativa, porque está demasiado alejada de las formas orales, es decir, ha perdido los rastros de un interlocutor presente [...]” (Piglia, 2017, p. 119). Entretanto, Borges foi um tradutor de romances: verteu *Palmeiras selvagens* (1939), de Faulkner, e *Orlando* (1928), de Virginia Woolf, para o espanhol. De outro lado, Cortázar também foi um escritor de romances – lembremo-nos da inesquecível *Rayuela* (1963).

Nessa linha, mesmo que pequena, existe alguma passagem entre um e outro gênero, algum atravessamento. Na literatura brasileira, por exemplo, Lima Barreto cruza essa ponte, publica primeiro “Clara dos Anjos”, em 1920, como conto e depois, com título homônimo, como romance, em 1948. Isso acontece com o *corpus* deste trabalho. Por meio do futebol e da sua reverberação no antitempo do videoteipe ocorre um transpasso entre conto e romance na pena de dois escritores contemporâneos: o conto “No último minuto”, de Sérgio Sant’Anna e o romance *O drible*, de Sérgio Rodrigues.

O conto é anterior. Foi publicado no livro *Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)* em 1973. Já o romance, foi publicado em 2013. Não por acaso, numa entrevista dada ao programa Trilhas de Letras sobre Copas do Mundo, o escritor Sérgio Rodrigues diz como usou inconscientemente o conto de Sant’Anna, que forneceu o substrato para o primeiro capítulo de *O drible*<sup>2</sup>. Essa conexão se decanta ao que Borges estabeleceu no ensaio “Kafka y sus

---

2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qb0PS9hLNN8>. Acesso em: 23 Jan. 2025.

precursores". As linhagens que ligam os escritores são construídas *a posteriori*. Recordemos o trecho final desse texto: "El hecho es que cada escritor crea a sus precursores. Su labor modifica nuestra concepción del pasado, como ha de modificar el futuro" (Borges, 2017, p. 395). Ainda segundo Rodrigues, só bem depois é que se deu conta da relação.

O cerne desse liame é o videoteipe. Os textos ficcionais estão erigidos sob o signo do *post facto* do futebol. Em "No último minuto" temos um goleiro que assiste, depois do jogo, ao "frango" que levou na final do campeonato. O jogo estava 1 x 1, a vantagem era do seu time, *mas*, no final, numa bola improvável (o jogador adversário chutou sem ângulo), daquelas que se agarra com facilidade, ele a abraçou, engano, ela escapuliu e foi morrer de mansinho no gol sem balançar as redes. Depois do jogo, ele assiste, em múltiplos canais, ao lance. Existe algo como uma compulsão à repetição. Além dos canais, ele pode se valer das prerrogativas do videoteipe e desse modo fazer a câmera funcionar à sua maneira: em câmera lenta ou em movimento por detrás do gol. Ainda, pode parar o teipe, rodá-lo novamente, algo como um jogo de puzzle no qual se espera, ao final, poder rebobinar a história.

Em *O drible* o futebol é personagem. No entanto, a narrativa também está além dele. O centro é uma reaproximação, artilosa, de um pai em relação ao filho tendo os gramados da intermedialidade como liame. No primeiro capítulo mencionado, Murilo, um cronista esportivo dos tempos áureos (período no qual se mistura literatura e futebol<sup>3</sup>), aposentado, mostra ao seu filho o videoteipe do drible, sem tocar a bola, de Pelé sobre o goleiro uruguaio Mazurkiewicz. O lance reproduzido no tempo normal de jogo dura poucos segundos. Nos comentários de Murilo, no vaivém do pause no teipe, ele assume proporções colossais – exatamente seis páginas.

Esse drible é significativo em toda história do futebol brasileiro. Em *Veneno Remédio*, Wisnik (2008) utiliza essa finta sem a bola como um dos símbolos da elipse do Brasil no futebol. Nesses segundos, Pelé mostrou como possuía um domínio total do campo, pura extensão do seu corpo, ele uniu o intelectual e o sensorial. O que ocorre é um drible em X, Pelé passa pela bola sem tocá-la, vai para um lado e ela sai pelo outro, para depois o craque aprumar o corpo, o encontro do quiasma, e rebatê-la riscando a trave esquerda. Wisnik (2008) comenta a partir do videoteipe:

Parece claro, quando se vê o videoteipe, que Pelé poderia, no primeiro momento, dominar a bola com vantagem, ficando na cara do gol e podendo utilizar o drible convencional sobre o goleiro, embora em espaço curto e sujeito à disputa de uma dividida. O que acontece, no entanto, mais do que uma simples solução prática – que não deixa de ser –, é uma ampliação de horizonte dada por um lapso na sequência esperável do discurso, um vazio desconcertante e chistoso, a supressão de um elo, em suma, o supra-sumo da elipse (Wisnik, 2008, p. 289-290).

Murilo explica ao filho Neto, apelidado de Tiziu (nome significativo, veremos), como naquela finta o Rei reinventou o futebol e ao mesmo tempo inscreveu esse esporte nas lides, fracassadas, com o sagrado. Essa dimensão do religioso (ou sua derrisão) será um dos motes

---

3. Murilo era contemporâneo dos escritores e cronistas esportivos Mário Filho e Nelson Rodrigues.

deste trabalho. Entretanto, voltemos ainda ao lance. Na primeira acepção, diz o cronista do romance, Pelé não faz aquilo que era esperado: o que ele já tinha feito inúmeras outras vezes, isto é, dominado a bola lançada por Tostão (ou por Coutinho nos Santos), passado pelo goleiro com um corte e balançado as redes. O drible convencional como nos diz Wisnik (2008). Não. Ele escolhe outro caminho. Ele já era um semideus e resolveu apostar no inefável como Prometeu na sua transgressão aos deuses. Ao fazê-lo, introduziu o imponderável no futebol, transformou um lance comum em arte. Dali em diante esse esporte inglês seria outra coisa. Isso tudo é dito por Murilo ao filho enquanto o videoteipe é pausado e interpretado.

Na sua recusa em tocar na bola feito um Bartleby súbito, diz, Pelé refinou o futebol à sua essência mais rarefeita. O futebol virou ideia pura e de repente homens, bola, ninguém mais se comportava como seria de esperar que se comportasse neste mundo vão (Rodrigues, 2013, p. 12).

Os liames entre futebol e literatura reverberam no comentário do narrador. Pelé se recusa a tocar na bola como o escrivão Bartleby se recusa a cumprir qualquer obrigação, o nome vem do título homônimo de uma pequena novela do escritor Herman Melville. O lance do Rei introduz uma indeterminação que vai além das linhas do campo: “ninguém mais se comportava como seria de esperar que se comportasse neste mundo vão”. Ainda segundo Murilo, nesse gesto sobre-humano Pelé faz mais do que esticar a corda do futebol, mais do que levá-lo aos seus limites, ele propõe um desafio. Almeja se catapultar aos cimos celestes. Seu desafio é a Deus. O Rei quer que o jogo se emparelhe, por meio dos pincéis dos pés, ao divino. Ele perde, a bola risca tinta na trave, mas ficava o desafio. A hermenêutica é feita na mistura: o pai diz pela boca do filho, que é, por sua vez, o narrador. Outra vez, o vaivém do taipe:

O velho detém o vídeo. Pausa o controle remoto no braço do sofá, olha nos seus olhos outra vez e diz, o que houve aqui, Neto, foi simples: Pelé desafiou Deus e perdeu. Imagine se não perdesse. Se não perdesse, nunca mais que a humanidade dormia tranquila. Pelé desafiou Deus e perdeu, mas que desafio soberbo (Rodrigues, 2013, p. 13).

Existe algo como uma poética do futebol em *O drible*. Contudo, ela se espria para outros campos – ele é atravessado pelas tensões políticas, sociais e culturais que pululam na história brasileira do século XX. Pretendo construir uma leitura comparada que vá além dessa convergência inicial entre as duas ficções apontada por Rodrigues. Por exemplo, o lance de Pelé e a repetição do goleiro têm como desideratos últimos verem surgir no horizonte do futebol o sagrado: à apocatástase, o juízo final dos tempos que irá redimir a humanidade por meio da citação da história. Aqui, a nossa referência ao Walter Benjamin das teses “Sobre o conceito de história” é evidente. Eles querem refazer a história. Essa noção é comum aos dois textos ficcionais, mas se reverbera para sendas dissimiles.

Em *O drible* isso não está só nessa finta a la Bartleby, se expande, está nessa promessa do futebol que é Peralvo, o jogador que termina sua carreira de maneira precoce e trágica, a história

dentro da história, o jogador que seria melhor do que Pelé. Os caminhos produzem mais difração: essa redenção parece pairar nessa história entre pai e filho, uma espécie de acerto de contas. Murilo quer, aos olhos de Neto, tornar a história citável perante o filho.

"No último minuto", o futebol é futebol, não cai no social ou no cultural como o romance. O goleiro vê repentinamente o replay na esperança de modificar o passado, de também torná-lo citável: "Então me vem, agora, essa sensação absurda de que ainda pode acontecer tudo diferente, eu corrigir minha falha" (Sant'Anna, 2007, p. 18).

No entanto, o conto de Sant'Anna deslinda e grava esse choque com o real que constitui nossa experiência moderna e contemporânea – o futebol, devido ao público que alcança, é o espaço ideal onde se dá a ver esse embate de forças. Os textos são suplementares um ao outro. A apocatástase não vence a dura prova da realidade. Na repetição compulsiva, como diria Freud, o que se encontra é o trauma. O goleiro não consegue mudar o "real traumático"<sup>4</sup> do "frango".

Na mesma medida, Pelé perde o desafio para Deus. A promessa, Peralvo, não se concretiza. A aproximação entre pai e filho era um logro realizado por meio dos videoteipes. Teríamos então como angústia o trauma no limiar, de um lado, do desfazimento do "eu" e, do outro, da trapaça. Vitória para alguns e derrota para outros. A ferida na memória do goleiro e o artilheiro da bola que simula o jogo em sua picardia. Em *O drible* isso se amplia. O trauma de Neto, o narrador, concretiza-se na materialidade do corpo, ele termina o romance acusado de matar o pai e preso. De outro lado, a trapaça sádica de Murilo com tintas de vingança racial que espicaça nossa falsa "democracia racial".

É uma leitura que se perfaz na ótica do zoom: foca-se no futebol para depois deslocá-lo, a lenta se fixa nos seus ecos no humano: na busca da remissão, no trauma e na trapaça. Não por casualidade, essa última é exemplar dessa passagem, da bola que parecia segura nas mãos do goleiro ao filho que é logrado (driblado) pelo pai. O taípe é o lugar no qual se assiste a essas possibilidades na sua eminência e no seu fracasso.

### **Os entretempos do teipe: entre a apocatástase e o trauma**

Existe um descompasso entre o tempo do futebol e suas diversas reconstituições em vídeo. No jogo pulsa algo como um solilóquio, um fechamento sobre si mesmo, o lanche se dissolve no minuto em que se performa no campo. Suas intermedialidades na televisão ao vivo e no rádio funcionam por meio do *après coup* e expõem essa temporalidade ensimesmada. Na primeira, existe um delay entre a transmissão e o jogo. O gol ocorre alguns minutos depois do "gol real". Não por acaso, muitos torcedores já tiveram aquela experiência de escutar primeiro os fogos e as comemorações pelas ruas e depois sua prova, atrasada, na TV. Algo como uma me-

---

4. De um lado, Seligmann-Silva (2022) propõe o conceito de "teor testemunhal" para dar conta do liame entre literatura e testemunho. De outro, essa perspectiva enseja uma obtusidade do real, o "real traumático" é o que se recusa à representação mimética.

táfora futebolística do trauma. No segundo, esse atraso é menor, ocorre no pequeno intervalo entre a bola nas redes e a voz do narrador. Algo que, por sua vez, pode ser suplantado pelo torcedor no estádio. Por vezes, aquela celebração antecipada é anunciada pelo próprio rádio. O rádio funciona ou funcionou como força suplementar ao futebol. Antes das reformas dos estádios para a Copa do Mundo de 2014, era comum vermos torcedores com rádios colados às orelhas. Não basta ver o campo é necessário escutar a narração.

Wisnik (2008) fornece o comentário exato entre esses dois tempos: o da bola rolando e o do comentarista do taípe. O crítico relembra um programa da Rede Globo dedicado à Copa de 98. Nele, alguns convidados discutiam um possível pênalti. Gilberto Gil, um dos presentes, faz uma glosa exata. Diz sagazmente e com elegância do sem sentido daquela discussão, o pênalti só é uma possibilidade no momento em que é entrevistado pelo juiz e avaliado por sua "subjetividade". Não existiria "objetividade" no futebol, a não ser essa, a *posteriori*, dos comentaristas. Vejamos:

Gilberto Gil, presente, postulou então a ideia, no mínimo insólita naquele contexto, de que objetividade no futebol é relativa à percepção possível dos fenômenos, inseparável da sua realização no tempo e nas condições da partida, e que, portanto, uma infração não existe "objetivamente", na realidade ou na máquina que a registra, mas somente na fração de tempo em ela é possível de ser captada em jogo (Wisnik, 2008, p. 109).

Isso até a introdução do VAR. Ele reinventou o futebol. Introduziu, supostamente, a objetividade na leitura do lance. Contudo, como sabemos, essa tecnologia não suprimiu por completo, muito pelo contrário, a dúvida e a discussão. Agora, o videoteipe não funciona só depois das partidas, foi levado para dentro do campo. Ele suspende o tempo de jogo, algumas vezes por minutos intermináveis e exasperantes.

Dessa maneira, o delay se transforma numa lógica do jogo. Cada gol é revisado. Agora, existe o gol e sua comemoração, o "princípio do prazer". Contudo, o lance pode ser revisado e a comemoração suspendida, o "princípio da realidade". Numa volta do relógio, a celebração e sua narração podem ser reatadas com a revisão positiva e com elas o "princípio do prazer" atrasado. Em outra volta, a revisão é negativa e o que resta é a nostalgia daquele momento de festa que contrasta com a realidade chã da tentativa fracassada. Vemos aí ensaiado ou emulado esse jogo entre a apocatástase do gol e o trauma, tardio, da anulação.

A tese do trauma em Freud, no ensaio *Além do princípio do prazer* (1920), está profundamente associada aos choques. O psicanalista explica o trauma a partir das nações de prazer e desprazer. O primeiro, também chamado de *princípio do prazer*, tem como função manter os estímulos na psique de maneira permanente, exerce uma espécie de constância chamada de "tendência à estabilidade". Ele converte os estímulos em prazer e mantém baixa a quantidade de excitação. Contudo, nem sempre a excitação dos estímulos pode ser aparada e transformada em prazer. Por vezes, ela precisa passar por uma *zona intervalar*, o princípio do desprazer.

Tentemos explicar. Diante dos estímulos diversos que o Eu sofre diante do mundo externo ele cria um "instinto de autoconservação" que substitui o prazer pelo *princípio da realidade*. Em

outras palavras, é um caminho mais longo para se chegar ao prazer. Ele é apenas adiado. Para isso, o desprazer é temporariamente aceito, adota-se um “longo rodeio para chegar ao prazer” (Freud, 2010, p. 165). Os estímulos são “guardados” até que possam ser transformados em satisfação.

O trauma aparece justamente como ruptura desse quadro do prazer, ele está aquém e além. Para Freud, as fontes do desprazer vão além do princípio da realidade, elas também se acham “[...] nos conflitos e cisões dentro do aparelho psíquico [...]” (*Ibid.*, p. 166). Isso acaba gerando uma concentração de estímulos que não são aparados e que dessa maneira são convertidos em fonte de desprazer. O trauma surge na defesa contra os estímulos. O corpo coloca em ação mecanismos de proteção, mas o *princípio do prazer* já não pode conter o manancial. Então eles são reprimidos. Contudo, outros impulsos irão refazer o caminho, sucessivamente, para serem transformados em prazer, porém são sempre mal sucedidos. Daí a “compulsão à repetição” do trauma.

“No último minuto” é anterior ao VAR, mas funciona nessas bases dialógicas. No início do relato, no Canal 5, o goleiro assiste de maneira completa ao lance que resultou no frango. “O placar é um a um” (Sant’Anna, 2007, p. 17). O empate lhes favorecia. O jogo estava nos minutos finais e a posse de bola estava com seu time. Ao invés de valorizá-la, o meio armador, Breno, perde o domínio e a entrega fácil. Esse é o começo do fim. No entanto, esse momento inicial será esquecido e o que ficará é a falha do goleiro: “A bola vem alta e cai para o Breno, nosso médio apoiador. Ele mata no peito, põe no chão e aí perde o domínio da pelota. Mas ninguém vai se lembrar disso: que a primeira falha foi do Breno” (Sant’Anna, 2007, p. 17).

O goleiro é uma espécie de bode expiatório – como foi Barbosa na Copa de 50. A culpa da perda pode cair inteiramente, esquecendo-se dos erros dos volantes e da defesa, nas suas costas. É considerado o elo mais fraco. A perda da posse de bola pode resultar numa jogada, em aberto, perigosa. O atacante pode perder o gol. A perda para o goleiro, fechada, é a bola que balança as redes. Wisnik (2008, p. 136) nos é útil novamente, em *Veneno Remédio* ele mostra como muitas vezes o atacante é associado a uma função masculina, ele é o caçador, o que fura defesas, enquanto o goleiro é associado ao feminino: “Na defesa, as funções mais “femininas” do cultivo e da esfera doméstica, a chamada ‘cozinha’, que culmina no goleiro”.

Na continuação, depois do desarme o time adversário vai ao ataque. O armador Luiz Henrique faz um longo lançamento na ponta esquerda. É uma jogada de desespero. A bola é rápida e parece quase sair pela lateral. O zagueiro acompanha, mas não faz esforço. Ele acredita que a bola vai sair. Canhotinho, o que vai atrás, é raçudo e dá tudo de si. Já na linha de fundo, totalmente sem ângulo, ele chuta. A bola vem rasteira e fraca. O goleiro grita “deixa”. Ele fecha o ângulo, faz a pose característica com os joelhos flexionados, sente a bola nos braços, já imagina o grito da torcida.

Contudo, numa espécie de trapaça, a bola que ele tocou (como algo divino) parece escapar: “Eu tenho a bola segura com firmeza contra o peito e, de repente, sinto aquele vazio no corpo. Eu estou agarrando o ar. A bola escapando e penetrando bem de mansinho no gol” (Sant’An-

na, 2007, p. 17). A bola é uma pícara, escorregadia, produz volteios inesperados e ludibriosos. Ela é um Jano bifronte, duas caras, amiga e inimiga ou apenas uma “amiga tramposa”. Ela faz o goleiro sentir um “gostinho” e depois é plástica e móvel, “tirou o doce da boca da criança”.

Ela vai de mansinho, nem chega a balançar as redes. A cena seguinte é corriqueira: o goleiro lança-se na bola para evitar o gol, mas todos viram que ela ultrapassou totalmente a linha. A torcida adversária vibra. E ele, em mais um ato ulterior, já imagina as chacotas de que será alvo. É nesse momento, assistindo ao Canal 5, que ele começa a recusar ao real: “Eu ouço e vejo aquilo, mas é como se tudo estivesse muito longe de mim, sem nenhuma relação comigo” (Sant’Anna, 2007, p. 18).

A partir daí, o lance irá se repetir. Entretanto, vendo na tela seguinte, em câmera lenta, a volta inimaginável parece ser possível. O videoteipe é abertura: até a bola lançada não parece que chegará ao Canhotinho. Nessa segunda reiteração, entra em películas sensíveis a apocatástase. Ciente dos abusos ao aplicar esse conceito de Benjamin (2012, p. 242) ao futebol, vejamos, mesmo assim, como ele se constitui. Ele se espraia indiretamente pelas teses “Sobre o conceito de história” até ganhar corporeidade. O termo não é nomeado propriamente, aparece como uma inscrição sub-reptícia da tradição teológica judaica. Ele evoca uma era de restauração.

Na segunda tese, ele surge como uma “frágil força messiânica” que é dada a toda geração para se voltar ao passado. No “Apêndice”, Benjamin (2012, p. 252) explica como a investigação do futuro era interdita aos judeus. Essa delicadeza potencial é uma força que se presentifica, na tese seis, na figura do Messias. Apesar de que ele não é um redentor, mas o “vencedor do Anticristo”. Nos termos contextuais do ensaio, ele se refere ao fascismo e seu *continuum* da história.

Ele é um vencedor do tempo linear e recursivo. Ao contrário da catástrofe e sua caída – “virada para baixo” (Kata + strophé) –, a apocatástase é uma elevação, uma admissão de todas as almas no Paraíso. Ela é uma volta, uma restituição. É como se a história estivesse aberta novamente. Os vencidos bem como as falhas cometidas podem ser corrigidas. Ali do sofá, o goleiro, por momentos, acredita que isso seja factível. Essa outra história assoma-se como faíscas. Primeiro, vem o desejo de gritar mais forte com o zagueiro Lula para que chegue firme ou ir ele mesmo no lance: “Me dá vontade de gritar mais forte com o Lula ou sair eu mesmo do gol, qualquer coisa assim” (Sant’Anna, 2007, p. 18). Ele quer impedir o resultado catastrófico.

Segundo, na história aberta, o goleiro pode se ver com a bola segura contra o peito, suspendeu suas arapucas de pícara, e dessa forma vislumbra, como paraíso, o título: “Eu agarrei a bola, ela está segura nos meus braços e no meu peito. Nós vamos ser campeões” (Sant’Anna, 2007, p. 18). Não por acaso, esses instantes são obtidos na interrupção do tempo, no freio na locomotiva da história.

Não obstante, ao final, quando volta a rolar no tempo contínuo o videoteipe, mostra a bola pícara rolando “devagarinho” para o gol e ele atrás dela. E como golpe definitivo da realidade traumática, o deboche: “O comentarista diz que eu fui catar as penas do frango” (Sant’Anna,

2007, p. 19). Quiçá o problema nessa redenção seja o ponto de vista, muda-se para o Canal 3. Nele, a possibilidade antes absurda e agora louca (desesperada) da elevação: "E me volta aquela loucura, a sensação de poder modificar um destino já cumprido, fazer tudo diferente. Ir naquela bola de outro jeito, espalmá-la para córner, mesmo sem necessidade" (Sant'Anna, 2007, p. 20).

Era uma bola defensável, bastava agarrá-la, não era necessário desviá-la para escanteio. Todavia, no minuto seguinte, quando campeões, isso seria esquecido. Foi apenas nervosismo de jogo. Perorações a parte, no final do vídeo do Canal 3, a danada entra: "Ela escorrega pra dentro do gol" (Sant'Anna, 2007, p. 20). Ele se volta novamente para a câmara lenta. No teipe parado, ele vê a bola nas mãos. No teipe rolando lentamente, a bola vai passando por uma metamorfose, como se adquire outra corporeidade e assim conseguisse escapar. Já nada parece possível. Inclusive, na hipótese da reparação já estava embutido seu fracasso: o "destino cumprido".

A frágil força messiânica da apocatástase sucumbe nos vendavais das repetições do trauma. Ainda na câmara lenta, por detrás do gol, o que era abertura se transforma num fechamento da vergonha que como um espelho se duplica entre o "antes" e o "agora" da enunciação: "Eu cubro o rosto com as mãos aqui sentado diante do televisor, que me mostra cobrindo o rosto com as mãos lá dentro do gramado" (Sant'Anna, 2007, p. 21).

O movimento que Freud em *Moisés e o Monoteísmo* vê manifestar numa longa duração – defesa, latência e posterior irrupção – ocorre nos tempos curtos dos videoteipes: "Trauma antigo – defesa – latência – irrupção do adoecimento neurótico – retorno parcial do reprimido" (Freud, 2018, p. 113). Algumas modificações: Não é um trauma recente, mas novo. A defesa é a projeção na redenção. Contudo, está latente em cada canal e câmara, irrompe sempre ao final. A compulsão à repetição é marcada desde o início.

Ele muda para o Canal 8. Vê o jogo por outros ângulos, quer como que se certificar do que ocorreu. Ele acreditava, com todas as forças, que a bola estava segura em suas mãos, mas no real do choque ela já se foi: "Eu tenho certeza que ela está segura, quando, na verdade, já escapou de minhas mãos e cruzou a linha do gol" (Sant'Anna, 2007, p. 22). Num último gesto, ele insiste em ver mais uma vez, pela câmara lenta, mas o trauma concretizado já era forte por demais e ele abandona o replay pelo meio do caminho: "O Canhotinho acredita na jogada e parte na corrida..." (Sant'Anna, 2007, p. 22).

Essa relação ensimesmada em torno do futebol em "No último minuto" já espelha algumas das experiências de choque das sociedades modernas e contemporâneas. Podemos voltar ao próprio Benjamin (2012) em seu outro ensaio também clássico, "Experiência e pobreza". Ele explora os diversos choques que o homem moderno deve aparar nesse início de século XX. A começar, por exemplo, pela Grande Guerra. Homens criados no campo se viram de uma hora para outra em meio a um céu bélico: "Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças correntes explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano" (Benjamin, 2012, p. 124).

Depois desse conflito, os novos desenvolvimentos da técnica potencializam esses choques e, por conseguinte, a pobreza de experiência comunicável. O homem submetido a esse processo está sempre “a começar de novo”. Nada se fixa. Cada ação é uma potencial fonte de traumas. Por isso, talvez, Benjamin (2012, p. 127) diga que não se quer reconquistar a riqueza de experiência, mas desfrutar da sua própria pobreza: “Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza, externa e interna, que algo de decente possa resultar disso”. Isto é, algo como uma forma de defesa aos choques. O próprio goleiro de “No último minuto” é um desses homens que quer se libertar do peso da experiência. Entretanto, nesse processo, a dor se torna incomunicável.

Em *O drible*, o futebol alcança as relações familiares e sociais, o choque ganha sua imagem coloração nacional. O romance mostra o para além dessa imagem individual e insistente do frango e encontra o coletivo nas relações ambíguas entre ditadura, futebol e racismo. Contudo, sem se esquecer obliquamente dos teipes.

Inicialmente, ele parece se constituir como um livro de reparações familiares, entre pai e filho. Quem narra é o segundo, Neto. Entretanto, o pai quase sempre o chama de “Tiziu”. As relações entre os dois sempre foram atravessadas por violências. Na infância, Murilo dava surras no filho. Roubou-lhe, já maduro, o amor da sua vida. Além disso, o suicídio da mãe de Neto, Elvira, era um enigma que pairava como um enorme silêncio.

Murilo era um tipo galanteador e boêmio. De repente, viu-se viúvo com um filho enfermo de cinco anos. Contudo, isso não mudou seu modo farrista. Levava a vida entre as visitas a algum clube e as bebedeiras à noite. Era um cronista reconhecido no *Jornal do Brasil*. Murilo fazia dessa posição uma catapulta para se lançar e desfrutar do espaço da elite carioca. Além disso, produziu uma série de livrinhos conhecidos como *Quem é que foram* distribuídos pelo Ministério da Educação e Cultural do governo ditatorial de Médici. Para uns, anos de chumbo. Para outros, “anos de ouro”. Eram pequenas cartilhas que explicavam circunstâncias e momentos do futebol. Tudo conforme a instrumentalização do jogo pela ditadura civil-militar. De certa forma, essas relações escusas com o regime já dão o tom da personalidade de Murilo.

Janaina Martins Cordeiro em *A ditadura em tempos de milagre* mostra as relações complexas entre sociedade e regime durante 1964-1985, principalmente os anos Médici. Revela como em certos momentos a ditadura se valeu da coerção e do consentimento. Posteriormente, no período da democratização, quando era necessário enfrentar esses traumas, optou-se por erigir a Nova República sob os silêncios eloquentes. Nessa linha, para alguns os anos Médici foram marcados pelos “anos de chumbo”. No entanto, para outros, foram os “anos de ouro”:

[...] o que a memória coletiva consagrou como *anos de chumbo* foi sentido dessa forma por segmentos bastante específicos da sociedade: aqueles grupos que a repressão definia como *inimigos do povo* e da *pátria*. [...] Assim, se seguirmos o raciocínio de Gellately, para o caso brasileiro, podemos afirmar que, por determinado ponto de vista, os anos de ouro incluíam também o que para alguns foram *anos de chumbo*, mas que, para tantos outros, representa-

ram uma sensação de *segurança, alívio e tranquilidade*. O fim da agitação política e o *início do fim do terrorismo* (Cordeiro, 2015, p. 18, grifos da autora).

Bem como, diríamos, um senso de oportunismo e uma forma de ascensão social para certos grupos sociais.

Pai e filho estavam há alguns anos sem se falarem até que Murilo lhe telefonou para dizer que estava morrendo: “Estou à sua espera, Tiziu. Estou morrendo” (Rodrigues, 2013, p. 16). A partir daí Neto passou a visitá-lo, com seu Maverich 1977, na região do Rocio, Rio de Janeiro. Ali ele tinha uma chácara onde passou a viver depois da aposentadoria. O lugar era cuidado por um casal de caseiros. A mulher, Uiara, mantinha um caso com Murilo.

Essas visitas se tornaram um ritual. Eles comiam os croquetes que Neto trazia, pescavam e depois assistiam a teipes de futebol. Principalmente, dos momentos áureos da seleção brasileira. Nessas oportunidades, era quase sempre Murilo quem monologava. Era o futebol o eixo dessa aproximação. Essa era e ainda é uma estratégia clássica tratando-se de criação de laços filiais que evocam lembranças de cenas da infância nas quais o pai apresenta ao filho o amor ao clube e a ida aos estádios:

Aplicada com o atraso de uma vida, a estratégia de Murilo, se é que se tratava de algo tão deliberado, era a mesma empregada por sucessivas gerações de pais brasileiros para se aproximar dos filhos. Muita coisa distancia vida afora pessoas que se contemplam sobre um abismo de vinte ou trinta anos – música, moda, política, costumes, tecnologia –, mas são praticamente indissolúveis os laços forjados na infância em torno das cores de uma camisa, do culto a ídolos vivos ou mortos [...] (Rodrigues, 2013, p. 21).

Não obstante, esse não é exatamente o caso dos dois. Neto só acompanhou Murilo no Maracanã umas três ou quatro vezes. Nunca de arquibancada. Ocupavam um espaço dedicado aos cronistas. Por ali, passava, por exemplo, Nelson Rodrigues. O dramaturgo costumava tirar chacota de Neto ao chamar atenção para a cor da sua pele morena em relação à cor branca do pai. Dá ligação inesperada aos encontros frequentes parecia que surgia uma redenção, pouco entusiástica, entre pai e filho. Uma apocatástase profana. Neto fala de um acordo final sob a forma de um “pacto honesto” antes de morrerem.

O narrador-personagem acreditava que nesses encontros, em algum momento, Murilo iria comentar e esclarecer o suicídio de Elvira. Todavia, ele sempre dava um drible seco e já emendava reflexões sobre o futebol. Dizia, por exemplo, que os grandes dribles, como o elástico de Rivelino, somente foram divulgados pelos craques, antes eram produtos e invenções das várzeas. Essa era uma das inúmeras perorações do “Dickens” da crônica, como era chamado. Na crítica, a carreira de Murilo era dividida entre três fases: neorrealista, mística e madura. A que se referia ao escritor inglês remetia à primeira fase e o choque flagrado pelo cronista entre jogadores humildes e empresários gananciosos.

Em outros momentos das conversas, Murilo propunha uma espécie de tese. O futebol, conjugado a sua difusão pelo rádio e a inclusão dos negros, tinha criado um projeto de consci-

ência nacional. Essas três foram as argamassas que cimentaram os cacos de um país gigantesco. Foi nessa equação que os “pretos”, ele diz, puderam ter o mínimo de integração social.

*O negro no futebol brasileiro*, livro do também cronista Mário Filho, era sua referência e livro de cabeceira. Nessa obra, o escritor mostrava como o futebol foi se abrasileirando com a aceitação do talento dos negros nos clubes elitistas e racistas do Rio. Isso provocou uma revolução, deu uma nova gramática ao futebol que permitiu o surgimento de uma ética da inventividade: “Aquilo que o Pasolini chamou de futebol-poesia em oposição ao futebol-prosa dos ingleses. Eu ia adorar ter tido esse saque, mas quem sacou foi o putro do Pasolini” (Rodrigues, 2013, p. 61).

Entretanto, expressava Murilo, o cronista tinha se esquecido da importância do rádio e do narrador. Primeiro, o instrumento foi capaz de difundir o esporte para regiões longínquas. Segundo, o último foi capaz de carregar nos traços partidas que eram verdadeiras peladas, fizeram algo telúrico se tornar etéreo. Nas palavras do cronista, eles introduziram o “som e a fúria” shakespeariana:

O que eu acrescento de original nessa história é o seguinte: a dívida do nosso futebol é pelo menos tão grande com o gongorismo dos narradores também. Isso o Mario não diz, ninguém diz. Que sem a nossa vocação doentia para a metáfora bombástica, o papo furado, o caso inverossímil, a gente não teria chegado tão longe. Mais de noventa por cento do público só tinha acesso ao futebol pela rádio, e no rádio qualquer pelada chinfrim disputada em câmera lenta por perebas com barriga-d’água ficava cheia de som e fúria (Rodrigues, 2013, p. 61).

Por vezes, essas “palestras” eram desencadeadas pelo suporte medial dos teipes. O primeiro foi aquele do lance de Pelé no goleiro Mazurkiewicz. Outro, por exemplo, é a semifinal da Copa do Mundo de 1958 entre Brasil e França. Um jogo morno no qual tudo parecia possível menos o resultado final de 5 x 2 com três gols de Pelé. Murilo mostra no videoteipe 10 minutos dessa partida para Neto.

Nesses instantes, o jogo é uma verdadeira pelada. É o segredo, diz o cronista, mais bem guardado do futebol. Por outro lado, é a própria síntese do entroncamento entre vida e futebol, na água mais parada tudo pode ocorrer, o apolíneo como dupla face do dionisíaco. Nos dez minutos de marasmo tanto o Brasil quanto a França poderiam ter vencido: “Não é o pior pedaço. É a vida. O jogo normal. Futebol é assim: o caos. O Brasil tinha um time superior, mas a França poderia ter vencido a partida” (Rodrigues, 2013, p. 81).

Entrementes, a caminho da chácara no seu *Maverich* 1977, Neto pensava que aqueles encontros eram um “acerto de contas”: “Você está indo acertar contas com seu pai, pensava” (Rodrigues, 2013, p. 50). No horizonte, ele imaginava, viria, a qualquer momento, o pedido de perdão. A remissão aqui não é abertura, mas reconciliação: “O pedido de perdão de Murilo viria cedo ou tarde, no tempo certo: não conseguia imaginar outra razão para o velho ter tomado a iniciativa do reencontro” (Rodrigues, 2013, p. 50-51). Não é abrir e rebobinar a história como antes, recobra um novo sentido, qual seja: fazer o luto do passado.

Não é o sentido dado em “No último minuto”, mas é um sentido que aparece no ensaio de Benjamin (2012): fazer o luto é recuperar as memórias de luta e dor dos vencidos. Enzo Traverso, em *Melancolia de esquerda*, se vale dessa perspectiva benjaminiana. O crítico lembra da virada que ocorreu no século XX com o “eclipse das utopias”: a memória emerge no espaço público como uma manifestação melancólica que para e se volta para fazer o luto dos “derrotados” do passado.

Não obstante, o pedido não vinha. Num dos encontros, Murilo encetou uma história sub-reptícia. Uma segunda história que se tornará, ao final, projetiva. Ao modo de Cervantes, Rodrigues (2013) introduz uma história dentro da história em *O drible*. É a história de Peralvo, o prodígio do futebol que não foi. Ele próprio é um símbolo do pêndulo entre a apocatástase e catástrofe. Peralvo poderia ter sido melhor do que Pelé, diz Murilo. Era um artista em campo, podia visualizar tudo antes de realizar o que iria fazer em campo. Seu segredo, conta o pai a Neto, estava nas teias com outro plano. O moleque tinha laços com as entidades. Tinha o dom da clarividência. Sua Mãe Mãezinha, como era conhecida, era mãe de santo. Era como se os seus pés e sua mente fossem guiados pelos orixás. Peralvo era filho de Oxóssi caçador.

Murilo viu de perto o despontar desse gênio mulato, eram conterrâneos de Merequendu. Tornou-se amigo de Peralvo. Conta para Neto sobre a partida na qual o menino marcou inacreditáveis dez gols, algo completamente inverossímil no futebol atual. Contudo, como meu pai disse-me em certa oportunidade, amplos placares era um acontecimento comum no futebol de outrora. As atuações de Peralvo despertaram interesse do América-RJ. O time do coração de Murilo. Dali, seus dribles e gols o levaram para o Vasco da Gama. O clube cruzmaltino é o entroncamento entre o auge e o declínio. Como não poderia ser diferente, esse embate de polos seria realizado numa partida contra o Santos de Pelé & Companhia. No vestiário, o massagista Pai da Luz insistiu na realização de um “trabalho” para marcar o Rei espiritualmente. Entretanto, era Peralvo quem deveria receber a entidade.

Durante o primeiro tempo, os imateriais eflúvios do sagrado quase não influenciam em campo. No corpo de Peralvo a luta era cerrada. Pelé joga como um. Marca um dos gols e dá o passe para o outro. No primeiro tempo, o jogo termina com a vitória parcial do Santos por dois a zero. No segundo tempo, Peralvo se entrega à entidade. Dá a assistência do primeiro gol do Vasco e faz o gol de empate. Por sua vez, Pelé errava todas jogadas. Entretanto, ocorre algum curto-circuito na comunicação entre o jogador e os santos. Dá-se então uma tragédia, ele é tomado por uma possessão incontrolável. No campo isso se manifesta num frenesi de dribles e gols, mas ao contrário. Ele marca um gol contra de placa.

No final, o Santos saiu vencedor por 3 x 2. Nem os santos conseguiram parar Pelé. Depois do jogo, Peralvo foi demitido. Entretanto, seu calvário não parou por aí. Foi surpreendido por alguns torcedores e teve sua perna quebrada em múltiplos lugares.

Mesmo com a recuperação, não poderia mais retornar aos campos. Encerrava sua carreira aos dezenove anos. Contusões no passado eram bem mais complicadas. Os exemplos de

craques que encerraram suas carreiras precocemente não são insignificantes. Fiquemos com dois gênios: Tostão e Reinaldo. Pois bem, Murilo se sentiu de algum modo culpado pelo fim da carreira do amigo. Por isso, fez cargo da recuperação de Peralvo na sua casa. Na verdade, a incumbência era quase total de sua mulher. Elvira é quem fazia companhia para o jovem enquanto Murilo cobria os jogos.

A história de Peralvo parece anódina. Uma simples estória do futebol. Do outro lado, os encontros entre pai e filho são essa promessa que nunca se realizará e que por isso passam a ganhar em tensão. No fim ela chega ao paroxismo. Neto parte para mais um encontro no Rocio, leva os croquetes. Só que dessa vez está decidido a confrontar o pai sobre o suicídio da mãe. Chega dos subterfúgios dos teipes. Chegando lá o que o ocorre são as costumeiras esquivas de Murilo.

Entretanto, em determinado momento, o pai sai e um novo videoteipe começa a rolar. Algo como um jogo de espelhos. É Murilo quem está na tela. Ele se utiliza de uma linguagem subliminar para revelar o que estava por trás da história. Neto não era filho dele, mas de Peralvo. O seu amigo teve um caso com sua mulher enquanto se recuperava da lesão sofrida. O cronista se vale de uma linguagem estigmatizante:

[...] O preto desejou a branca! Oh! Deus mata todos os desejos! A branca também desejou o preto! Maldita seja a vida, maldito seja o amor!...Agora começa a ficar claro, Tiziu? Eu sei que você conhece Machado, será que conhece Euclides? Você é o pé de café que nasceu no meu milharal, rapaz. Sua mãe era uma vagabunda (Rodrigues, 2013, p. 208-209).

No comentário, existe uma operação de adição que funciona por meio das referências literárias produzindo novamente um discurso ambivalente e racializante: a cor de Machado de Assis e o adultério da mulher de Euclides da Cunha. O resultado é a morte. Murilo descobriu o caso pouco tempo depois enquanto todo o Rio de Janeiro já sabia, ele frisa. Peralvo se recuperou e seguiu os passos da mãe e se transformou em pai de santo auxiliar no terreiro de Pai da Luz. Na Copa de 70 no México, o cronista cobriu o tri campeonato da Seleção brasileira e ao mesmo tempo urdiu sua vingança por meio dos aparelhos repressivos da ditadura civil-militar. Do país da América do Norte ele denunciou Peralvo como um subversivo envolvido no sequestro do embaixador alemão. O ex-craque esquecido foi preso, torturado e morto por “engano”. Por sua vez, Elvira ao saber da morte do amante tira sua própria vida.

Tomado de “som e fúria”, Neto busca o pai e encontra seu corpo boiando na represa onde pescavam. Os croquetes estavam espalhados pelo chão. A urdidura bolada por Murilo não se encerrou com a morte de Peralvo, visava alcançar também o “bastardo”. Aqui, ganha sentido o uso da expressão “Tiziu” para se referir a Neto. Um claro termo pejorativo que carrega as marcas da herança escravista. O arдил possuía tintas de vingança racial. Os videoteipes eram uma trapaça que performavam a máscara da reconciliação. Os dribles e lances áureos do futebol brasileiros, puros momentos do divino, desembocavam nesse teipe final. Nesse drible final. Pela lei brasileira, um pai não poderia deserdar o filho, salvo em caso de participação em sua morte.

Dessa forma, Murilo criou uma trama coletiva que contou com a participação dos caseiros. Não deixaria nada para Neto. Envenenou os croquetes. Pagava a vida com a desforra. Por sua vez, o videoteipe foi apagado. Além disso, lavrou um testamento no qual alegava ter motivos para suspeitar que seu filho iria assassiná-lo e por isso deixava sua herança para Uiara: “Foi assim que Murilo conseguiu dizer adeus sem deixar nenhuma daquelas pontas soltas que considerava inevitáveis em qualquer vida” (Rodrigues, 2013, p. 217). Neto foi preso dois dias depois.

## Consideração final

Tentou-se fazer nesse trabalho algumas espécies de passagens e cruzamentos, do futebol para o sócio-político, do trauma individual para o coletivo. O enfrentamento da perda intransferível e sua tentativa de repará-la, mas que se recai na repetição compulsiva. Do outro, o individual transforma-se em trauma coletivo, a vingança de Murilo recai sobre memórias de dor da sociedade brasileira: a herança escravista e a herança da ditadura civil-militar. A seu modo, são também movimentos ficcionais: do conto ao romance. Todos esses lances se voltam para o futebol brasileiro *post facto* e seus momentos áureos em videoteipe: vislumbres nos quais as apoteoses sagradas e sincréticas dos dribles quiasmáticos encontram o real da bola que sacanea. Dentro e fora de campo.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas v.1). Trad Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BORGES, J. L. **Cuentos completos**. Barcelona: Debolsillo, 2015.
- BORGES, J. L. Kafka y sus precursores. In: BORGES, J. L. **Borges esencial**. Barcelona: Real Academia Española, 2017.p. 393-395.
- CORDEIRO, Janaina Martins. **A ditadura em tempos de milagre**: comemorações, orgulhos e consentimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- CORTAZÁR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: \_\_\_\_\_. **Todos os contos**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 513-527, v.2.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1938)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil, “O homem dos lobos”, Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. 2.<sup>a</sup> ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Debolsillo, 2017.
- RODRIGUES, Sérgio. **O drible**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

SANT'ANNA, Sérgio. **50 contos e 3 novelas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TRAVERSO, Enzo. **Melancolia de esquerda: marxismo, história e memória**. Trad. André Bezamat. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2021.